

## **As Geografias Médicas e a Apologia do Clima da Madeira: A Propósito da Climatoterapia da Tísica na Primeira Metade do Século XIX**

The Medical Geographies and the Apology of Madeira's Climate:  
Regarding the Climatotherapy of Phthisis in the First Half of the  
19<sup>th</sup> Century

*Ismael Vieira*<sup>1</sup>

### **Resumo**

Na primeira metade do século XIX o clima madeirense adquiriu boa reputação no tratamento da tuberculose, ou tísica de acordo com as concepções médicas da época. Existia a crença de que um clima ameno e salutar era o ideal para o tratamento desta doença, o que levou médicos portugueses e estrangeiros a recomendarem a Madeira como um destino climatoterapêutico. Surgiram assim várias geografias médicas que se dedicavam a fazer uma descrição das propriedades da geografia e do clima da Madeira, numa clara apologia e publicidade a este destino.

Com este artigo pretende-se contribuir para a discussão em torno da importância das geografias médicas na promoção da Madeira como centro de climatoterapia nacional e internacional na primeira metade do século XIX.

**Palavras-chave:** Geografias Médicas; Madeira; Tuberculose; Tísica; Clima.

### **Abstract**

In the first half of the 19<sup>th</sup> century, the Madeira's climate acquired a good reputation in the treatment of tuberculosis, or phthisis according to the medical conceptions of the time. There was a belief that a mild and salubrious climate was ideal for the treatment of this disease, which led Portuguese and foreign doctors to recommend Madeira as a

---

<sup>1</sup> Historiador e investigador integrado do CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra. Pós-doutorado em História da Ciência pela Universidade de Coimbra. Dedicar-se sobretudo ao estudo de temas de história social, história da saúde e história das ciências médicas no Período Contemporâneo. *Email:* [ivieira@uc.pt](mailto:ivieira@uc.pt).

climatotherapeutic destination. Thus, various medical geographies appeared that were dedicated to describing the properties of Madeira's geography and climate, in a clear apology and publicity for this destination.

This article aims to contribute to the discussion on the importance of medical geographies in promoting Madeira as a national and international climatotherapeutic center in the first half of the 19<sup>th</sup> century.

**Keywords:** Medical Geographies; Madeira; Tuberculosis; Phthisis; Climate.

## Introdução

A historiografia portuguesa, em particular a ligada à saúde, não deu ainda a devida atenção à questão das geografias médicas como fontes para a compreensão regional da distribuição das doenças e para a promoção de determinadas regiões como lugares de tratamento curativo ou paliativo.

De uma forma geral, durante o século XIX as geografias médicas foram centrais para a compreensão dos vários elementos do meio ambiente – incluindo o clima, a fauna, a flora, a meteorologia, a altitude, etc. – que afetavam a saúde das populações locais, permitindo identificar espaços predisponentes à contração de determinadas doenças, mas igualmente espaços salutar e curativos.

No entendimento de Rosenberg<sup>2</sup> era a interação entre pessoas e lugares que determinava a saúde ou a doença e, conseqüentemente, a conceção clínica do corpo era situada no espaço. Os clínicos eram, por isso, climatologistas, geógrafos, cientistas, etnógrafos, etc., e o meio ambiente e a sua influência nas doenças determinavam se uma dada população crescia ou decrescia em dado período temporal.

Com o nascimento da medicina científica no século XIX houve um desenvolvimento de estudos de base experimental em contexto de laboratório e o aparecimento de uma nova área biomédica, a bacteriologia, que acabou com determinadas conceções etiológicas das doenças, especialmente de origem infetocontagiosa.

No entanto, para Numbers<sup>3</sup> o facto da medicina científica se ter desenvolvido especialmente nos finais do século XIX não significava que não existisse uma ciência médica antes da "medicina científica". Este autor refere que nos primeiros dois terços do século XIX, as geografias médicas constituíram bons exemplos da existência de uma ciência médica anterior à medicina científica. Estas geografias médicas eram,

---

<sup>2</sup> ROSENGERG, 2012, «Epilogue: Airs, Waters, Places [...]», pp. 661-670.

<sup>3</sup> NUMBERS, 2000, «Medical science before scientific medicine [...]», pp. 217-220.

no dizer de Garcia Lopez<sup>4</sup>, o estudo das condições climáticas e geográficas associadas causalmente ao desenvolvimento e distribuição das doenças.

O desenvolvimento das ciências e da tecnologia dos séculos XVII e XVIII permitiram realizar medições dos fenómenos naturais, como a temperatura, a pressão atmosférica, o vento, a altitude, entre outros, e fazer a sua sistematização em forma de dados numéricos, tabelas e cartografias. O tratamento subsequente destes dados levou à realização de estudos de carácter quantitativo e estatístico<sup>5</sup> que vieram dar um sustentáculo científico às geografias médicas. No dizer de Valencius<sup>6</sup> as geografias médicas eram uma espécie de *big science* por conseguirem articular elementos da geografia, meteorologia, medicina, cartografia e geologia para perceber como o meio ambiente determinava a saúde humana.

No caso da Madeira, as geografias médicas serviram como meio de estudo, mas também de publicidade do seu clima ameno e propício, à luz das concepções da época, para o tratamento de doenças do foro pulmonar. Nos inícios do século XIX, as geografias médicas foram inspiradas pela célebre obra *Dos ares, águas e lugares* de Hipócrates, mas igualmente pelas investigações do naturalista Alexander von Humboldt, especialmente na catalogação da fauna, flora, geografia, geologia, população, etc. e pela recolha de elementos como temperatura, humidade, pressão atmosférica, força e direcção do vento, insolação, entre outros<sup>7</sup>.

Com base nas geografias médicas, os clínicos preconizaram o uso dos fenómenos atmosféricos prevalentes como tratamento curativo ou paliativo da tísica, ou por outras palavras preconizaram a climatoterapia. Como evidenciou Thompson<sup>8</sup> tornou-se moda os médicos prescreverem viagens marítimas ou terrestres de um clima menos salutar para um destino considerado mais benéfico, funcionando essa mudança de ares como meio terapêutico.

Na transição dos séculos XVIII para o XIX, mas sobretudo ao longo da primeira metade do século XIX, vários escritos surgiram sobre a ilha da Madeira e que em tom apologético descreviam as boas características climáticas e geográficas para o tratamento da tísica. Algumas dessas obras entram na categoria de literatura de viagem, mas neste trabalho iremos realizar uma análise centrada em escritos de base científica.

---

<sup>4</sup> GARCIA LOPEZ, 2009, *From medical geography to germ theory [...]*.

<sup>5</sup> VALENCIUS, 2000, «Histories of medical geography», pp. 3-28.

<sup>6</sup> VALENCIUS, 2000, «Histories of medical geography», p. 14.

<sup>7</sup> THOMPSON, 1971, «Climatotherapy in California», pp. 111-129.

<sup>8</sup> THOMPSON, 1971, «Climatotherapy in California», pp. 111-129.

Neste estudo discutiremos o papel desempenhado pelas geografias médicas na afirmação da Madeira como destino climatoterapêutico da tísica. Utilizaremos no tratamento e estudo das fontes uma metodologia de tipo qualitativa, fazendo recurso à análise de conteúdo.

## 1 | A Madeira Retratada nas Geografias Médicas

Os conceitos existentes de geografia médica não têm sido unânimes na sua definição. No entanto, parece-nos que os vários conceitos existentes se complementam entre si. Num trabalho que remonta aos anos 30 do século passado, Fielding Garrison<sup>9</sup> definia as geografias médicas como sendo um ramo da geografia política, materializadas em descrições das doenças dos diferentes países com referência ao clima, abastecimento de água, insetos e outras características ambientais. Na década de 1970, John Hunter<sup>10</sup> dizia tratar-se da análise dos padrões espaciais da distribuição das doenças e dos cuidados de saúde com a respetiva aplicação de conceitos e técnicas geográficas. Mais recentemente, Frank Barrett<sup>11</sup> definiu a geografia médica como uma subdisciplina da geografia cuja organização, questões e abordagens se foca na inter-relação entre os lugares, as áreas e regiões e as doenças, os cuidados de saúde e a nutrição.

O aparecimento das geografias médicas sobre a Madeira nos inícios do século XIX parecem estar relacionadas com dois assuntos principais. Em primeiro lugar estava em voga a designada climatoterapia da tísica, isto é, o aproveitamento de determinadas características do clima de uma região para o tratamento curativo ou paliativo de doenças. Como já tivemos oportunidade de mostrar num estudo anterior<sup>12</sup>, a ilha da Madeira conglomerava elementos que a tornavam importante enquanto estância climatoterapêutica: clima montanhoso e marítimo, baixas pressões atmosféricas e ar puro, boa insolação e temperaturas amenas durante todo o ano.

Em segundo lugar, e como mostrou Rodrigues<sup>13</sup> num estudo recente, desde os inícios do século XIX que a Madeira se tornou num destino turístico frequentado por cientistas de várias nacionalidades – entre os quais médicos, cirurgiões, físicos, farmacêuticos, botânicos, naturalistas, geólogos, meteorologistas, ornitólogos,

---

<sup>9</sup> GARRISON, 1933, «Geomedicine: a science in gestation», pp. 2-9.

<sup>10</sup> HUNTER, 1974, *The Geography of Health and Disease* [...], p. 3.

<sup>11</sup> BARRETT, 2000, «August Hirsch: As critic of [...]», pp. 98-117.

<sup>12</sup> Cf. VIEIRA, 2011, «O pioneirismo da Madeira [...]», pp. 85-103.

<sup>13</sup> RODRIGUES, 2019, «O turismo na Madeira Oitocentista», pp. 337-379.

paleontólogos, entre outros profissionais – o que terá contribuído não só para a análise da ilha do ponto de vista científico, mas igualmente para a divulgação da Madeira como ponto turístico terapêutico. Esta autora defende mesmo que

«a grande maioria dos visitantes da Madeira durante o século XIX, consubstanciou-se nos doentes pulmonares à procura de uma cura para os seus problemas de saúde. Fugiam aos invernos rigorosos dos seus países e procuravam no Inverno madeirense um clima mais adequado ao seu restabelecimento»<sup>14</sup>.

Se quisermos somar outro ingrediente podemos dizer que existiram na Europa outras estâncias climatoterapêuticas localizadas no Sul de França, Itália, Sul de Espanha ou Egito, mas que ficaram indisponíveis aos britânicos, e aos cidadãos de outras nacionalidades, aquando do Bloqueio Continental imposto por Napoleão Bonaparte. No cumprimento da aliança com Inglaterra, Portugal contrariou as imposições napoleónicas e a Madeira manteve-se acessível aos britânicos<sup>15</sup> e outros estrangeiros<sup>16</sup>, popularizando-se deste modo as visitas e estadas com finalidade terapêutica na ilha.

O contexto que foi sumariamente exposto pode explicar o aparecimento das geografias médicas dedicadas à Madeira. Estas surgiram especialmente na primeira metade do século XIX e estão relacionadas com a estada de médicos estrangeiros na ilha ou com médicos madeirenses que fizeram investigação neste domínio. Não passando o objetivo do estudo por elencar e analisar exaustivamente todas as geografias médicas existentes, utilizaremos as que nos pareceram mais relevantes.

Entre as primeiras geografias médicas sobre a Madeira encontra-se a de William Gourlay<sup>17</sup> datada de 1811. Nas suas *Observations on the natural history, climate, and diseases of Madeira during a period of eighteen years*, o autor refere no prefácio que era surpreendente como nada tinha sido escrito em inglês acerca do clima e doenças da Madeira, ressaltando o facto da ilha ser um *resort* para os britânicos<sup>18</sup>.

Estruturalmente a obra divide-se em três partes, uma sobre a história natural da ilha, outra sobre o clima e a última sobre as doenças. Os cinco capítulos que compõem a primeira parte abordam questões como a descoberta e situação da ilha, características dos solos, produção agrícola e pecuária e constituição, costumes e modos dos habitantes. Na segunda parte fez-se uma descrição geral do clima e tempo, apresentando registos meteorológicos e suas variações. Na última parte

<sup>14</sup> RODRIGUES, 2019, «O turismo na Madeira Oitocentista», p. 354.

<sup>15</sup> VIEIRA, 2011, «O pioneirismo da Madeira [...]», pp. 87-88.

<sup>16</sup> RODRIGUES, 2019, «O turismo na Madeira Oitocentista», pp. 351-352.

<sup>17</sup> GOURLAY, 1811, *Observations on the natural history* [...].

<sup>18</sup> GOURLAY, 1811, *Observations on the natural history* [...].

do livro é feita uma descrição dos vários tipos de doenças existentes na Madeira e categorizadas pelo autor em doenças de pele, doenças do peito, doenças anómalas e doenças epidémicas. Segue-se ainda um apêndice sobre águas minerais.

Em 1812 o médico Nicolau Pitta<sup>19</sup> deu à estampa uma geografia médica intitulada *Account of the Island of Madeira*. À semelhança da obra já mencionada de Gourlay, Nicolau Pitta fez uma descrição das características naturais da ilha com destaque para os solos, atividades económicas como a agricultura, a pecuária e a mineração, esboçando também um retrato da população, língua, educação, governação e estabelecimentos militares e religiosos, etc.

No entanto, os capítulos acerca do clima e das doenças não tiveram grande desenvoltura. Dedicou oito páginas ao clima destacando breves descrições de aspetos como as estações do ano, a temperatura, a higrometria e a pressão atmosférica. Às doenças dedica um breve capítulo de seis páginas, elencando as duas principais categorias de doenças existentes na ilha, as doenças do peito e as doenças de pele.

Em 1827 o médico C. Heineken<sup>20</sup> publicou um trabalho sobre a meteorologia da Madeira onde deixou registado vários aspetos do clima do Funchal, acompanhado de tabelas onde registou as suas observações acerca dos elementos climáticos, especialmente referentes ao Funchal. Vários autores posteriores vieram a fazer uso dos dados publicados por este médico nas suas obras.

De notar também a importante geografia médica de James Clark<sup>21</sup> que analisou o clima de vários *resorts* na Inglaterra, Sul da Europa e ilhas Atlânticas como a Madeira. O propósito da obra deste médico era analisar a influência dos climas na prevenção de doenças crónicas, especialmente das doenças do peito. No que concerne à Madeira é feita uma descrição da temperatura, pluviosidade, saúde dos habitantes, consumpção, efeitos do clima, épocas de viagens, etc.

Em 1832 Francisco de Assis e Souza Vaz escreveu *De l'influence salubre du climat de Madère*<sup>22</sup> onde explorou a ideia da superioridade da Madeira em relação aos climas do Sul de França e de Itália para o tratamento da tísica pulmonar. No que concerne à Madeira fez uma breve descrição de elementos como a temperatura, a pressão atmosférica, a pluviosidade, explicando porque é que a Madeira era vantajosa no tratamento da tísica.

---

<sup>19</sup> PITTA, 1812, *Account of the Island of Madeira*.

<sup>20</sup> HEINEKEN, 1827, «LVIII. Meteorological register kept at Funchal [...]», pp. 362-374.

<sup>21</sup> CLARK, 1830, *The Influence of Climate in the Prevention [...]*.

<sup>22</sup> VAZ, 1832, *De l'influence salubre du climat de Madère [...]*.

Em 1850 foi publicado por J. Mason<sup>23</sup> um tratado sobre o clima e a meteorologia da Madeira onde o autor apresentou as suas observações sobre as condições atmosféricas da Madeira e de Londres e fez uma análise que recaiu sobre aspetos tais como higrometria, ventos, nebulosidade, temperatura, humidade, influência atmosférica da respiração e efeitos gerais do clima. Estas análises eram acompanhadas de tabelas e quadros comparativos que serviram de base às análises realizadas.

## **2| A Climatoterapia da Tísica**

O tratamento da tísica baseado na mudança de clima não era uma novidade do século XIX, já que a mudança de ares e a procura de climas quentes eram recomendados pelo menos desde os gregos antigos. Os climas tuberculoterápicos, isto é, aqueles que tinham uma ação mais ou menos benéfica sobre a tuberculose, subdividiam-se em clima campestre, marítimo e montanhoso.

O clima campestre raramente era referenciado e quando era usado funcionava como clima de adaptação. Por clima campestre entendia-se o conjunto de condições climatéricas de regiões rurais afastadas dos aglomerados urbanos, mas cuja constituição não tinha nada de específico para o tratamento da tuberculose. Já o clima marítimo e o montanhoso foram amplamente usados no tratamento dos doentes tuberculosos: o clima marítimo até meados de oitocentos, sendo depois suplantado pelo clima montanhoso, tornando-se este a base da altitudoterapia praticada nos sanatórios.

Quanto ao clima marítimo, é sabido que os médicos antigos enviavam doentes para certos pontos do litoral do Mediterrâneo onde se encontravam na primeira metade do século XIX uma boa parte das estações climatéricas para o tratamento da tuberculose, como por exemplo em Cannes, Nice, Menton, Castellemare ou Nápoles. Fazer um doente mudar de ares era uma prática considerada salutar, especialmente se fosse para um clima considerado benéfico. Até meados de oitocentos, os climas marítimos eram tidos como os melhores no tratamento da tísica pulmonar por serem geralmente bem tolerados e pela amenidade dos fatores climatéricos que ajudavam na cura<sup>24</sup>.

Os defensores do clima marítimo enfatizaram as propriedades do clima e os seus efeitos fisiológicos e terapêuticos. Quanto às propriedades do clima, os médicos

---

<sup>23</sup> MASON, 1850, *A treatise on the climate and meteorology of Madeira*.

<sup>24</sup> VIEIRA, 2016, *Conhecer, tratar e combater a «Peste Branca» [...]*, p. 161.

acreditavam que a atmosfera marítima proporcionava aos tísicos um ar puro quase isento de microrganismos pela intensidade luminosa e pelas substâncias iodo-bromadas cuja ação antisséptica dificultava a vida microbiana. O ar era rico em oxigénio e cloreto de sódio, contendo também ozono, cloretos, iodetos e brometos. A pressão atmosférica era máxima, o ar húmido, a temperatura ordinariamente elevada e uniforme, os ventos constantes, embora de intensidade variável. A atmosfera assética, o ar “medicamentoso” e a uniformidade térmica tornavam este clima fortificante, sendo atributos suficientes para tratar sintomas ou mesmo curar os doentes<sup>25</sup>.

Entre os principais efeitos fisiológicos no organismo doente contavam-se a diminuição dos movimentos respiratórios, uma maior absorção de oxigénio e, conseqüentemente, o doente ganhava apetite, alimentava-se melhor, aumentava de peso e via diminuída a ocorrência de hemoptises.

Convencidos dos benefícios do ar marítimo no tratamento da tísica, os médicos aconselhavam diferentes geografias climatoterapêuticas. Uma das mais famosas em toda a Europa era a Madeira pelas suas características. Situada no Oceano Atlântico e ao largo da costa ocidental de África, a Madeira apresentava condições muito vantajosas para os doentes, pela combinação harmoniosa do ambiente marítimo com a altitude, pela vegetação frondosa e luxuriante com a exposição solar e pelas temperaturas amenas durante todo o ano, o que a tornou num centro muito procurado por estrangeiros.

Nos dois últimos quartéis do século XIX, o tratamento da tuberculose pulmonar por meio da climatoterapia sofreu modificações de fundo. A ineficácia do tratamento pelo clima marítimo e as investigações de vários médicos, como Jourdanet e Coindet para o México, Lombard para os Alpes suíços e Guilbert para a Bolívia vieram demonstrar que as montanhas funcionavam como lugares inibidores da tísica<sup>26</sup>.

Conscientes desta nova descoberta, os médicos passaram a prescrever os climas montanhosos criando-se inclusive o mito da imunidade face à tísica por habitar em zonas de montanha. Uns acreditavam que a imunidade se devia à fixidez e uniformidade da temperatura, outros diziam que se devia à ação excitante do ar rarefeito sobre o coração e outros ainda acreditavam que a vida nas montanhas solicitava uma exosmose gasosa e líquida que desembaraçava o sangue dos seus produtos de eliminação, impedindo a formação de matérias caseosas, a degeneração das células e a conversão da inflamação em neoplasias.

---

<sup>25</sup> VIEIRA, 2016, *Conhecer, tratar e combater a «Peste Branca»* [...], p. 162.

<sup>26</sup> VIEIRA, 2016, *Conhecer, tratar e combater a «Peste Branca»* [...], pp. 165-166.



De forma geral vingou a ideia de que as baixas pressões atmosféricas e a rarefação do ar obrigavam o coração a trabalhar energicamente para irrigar o organismo e melhorar o metabolismo. A influência da altitude desenvolvia o pulmão, trazendo o sangue à periferia do organismo, como acontecia com as depleções. As características dos climas alpinos ou montanhosos eram opostas às características dos climas marítimos: ar puro com déficit de oxigénio e rico em ozono, temperatura baixa, pressões atmosféricas baixas pela rarefação do ar, ar seco, luz intensa e ventos de direção fixa e pouco intensos<sup>27</sup>. A desoxigenação barométrica, no dizer de François Dagognet<sup>28</sup>, tinha como principais efeitos fisiológicos a maior frequência e amplitude dos movimentos respiratórios, um aumento do afluxo sanguíneo à periferia do corpo pela dilatação passiva dos capilares e a ativação do apetite, atuando como tónico. Localmente, os efeitos terapêuticos manifestavam-se na maior amplitude da caixa torácica permitindo o trabalho de todo o pulmão, especialmente dos vértices. As características climáticas tinham um efeito estimulante geral ao nível muscular e respiratório conduzindo à atenuação de um grande conjunto de sintomas como a insónia ou as hemoptises.

Nesta sequência de ideias vieram a surgir os sanatórios de montanha. As estâncias de tratamento marítimas foram perdendo interesse e adeptos no tratamento da tuberculose pulmonar. No decurso do século XIX e primeira metade do século XX abriram portas vários sanatórios marítimos em Portugal, mas com uma finalidade diferente. Estes destinavam-se a tratar a tuberculose infantil, especialmente do foro ósseo, e cumpria uma função de preventório para acolher crianças de meios pobres e passíveis de gerar infeções por tuberculose<sup>29</sup>.

### **3| A Apologia do Clima Madeirense para o Tratamento da Tísica**

É do conhecimento geral que, ao longo do século XIX, a ilha da Madeira foi um ponto turístico importante, frequentado sobretudo por doentes do foro pneumológico que fugiam aos invernos rigorosos dos seus países. De acordo com Rodrigues<sup>30</sup> o turismo desenvolveu-se com o aparecimento dos barcos a vapor que faziam escala ou tinham como destino a própria ilha. Os principais motivos para o desenvolvimento

---

<sup>27</sup> VIEIRA, 2016, *Conhecer, tratar e combater a «Peste Branca» [...]*, p. 167.

<sup>28</sup> DAGOGNET, 1997, *Savoir et pouvoir en médecine*, p. 145.

<sup>29</sup> VIEIRA, 2016, *Conhecer, tratar e combater a «Peste Branca» [...]*, p. 165.

<sup>30</sup> RODRIGUES, 2019, «O turismo na Madeira Oitocentista», p. 349.

do turismo estavam relacionados com negócios e saúde, e em relação a este último aspeto o ponto mais atrativo era o clima suave da ilha<sup>31</sup>.

Queremos salientar que a Madeira se tornou ao longo do século XIX num destino de turismo de saúde relevante, muito devido às suas características climáticas. Mas que características eram essas e que tanta fama valeram à Madeira? E com que argumentos se construiu um discurso apologético, ou elogioso, ao clima madeirense?

Como já tivemos oportunidade de registar em trabalhos anteriores<sup>32</sup>, a Madeira oferecia em simultâneo um clima montanhoso e marítimo, conjugando elementos de ambos. Genericamente destacam-se as baixas pressões atmosféricas e o ar puro, a flora rica e variada, a boa insolação e uma certa amenidade térmica com poucas variações ao longo do ano – a temperatura média anual rondava os 20°C.

Tendo por base estes dados genéricos, os médicos oitocentistas referiam, em tom elogioso, que o clima era propício ao tratamento das moléstias do foro pulmonar, em particular da tísica, por oposição aos climas frios ou aos ambientes conspurcados das cidades industriais. Mas também se desenvolveram estudos de pendor científico acerca dos ventos, da pluviosidade e da temperatura e, simultaneamente, construiu-se um discurso apologético sobre o clima desta ilha e das suas propriedades no tratamento de doentes tísicos.

Um dos aspetos mais valorado pelas geografias médicas era a uniformidade das temperaturas ao longo do ano. Gourlay atribuía mesmo a salubridade do clima madeirense à uniformidade da temperatura, defendendo que onde essa uniformidade do clima existia não havia inconvenientes para a saúde:

«The salubrity of the climate in this island, so highly extolled, is greatly attributed to the uniformity of the temperature [...] Where such uniformity of temperatures exists, combined with purity of atmosphere, and where such a pleasing variety marks the climate, one would conceive that the inconveniencies of the season would be unknown; and neither the excessive heat of the summer would molest, nor the colds of winter pinch the frame»<sup>33</sup>.

O mesmo refere Nicolau Pitta no seu trabalho<sup>34</sup> mencionando que a sucessão regular de brisas terrestres e marítimas arrefeciam e purificavam a atmosfera durante o ano, em especial nos meses quentes, contribuindo para a amenidade climática.

---

<sup>31</sup> RODRIGUES, 2019, «O turismo na Madeira Oitocentista», pp. 349 e 355.

<sup>32</sup> Veja-se VIEIRA, 2011, «O pioneirismo da Madeira [...]», pp. 87-88; VIEIRA, 2019, «A ilha da Madeira como centro [...]», pp. 381-405.

<sup>33</sup> GOURLAY, 1811, *Observations on the natural history* [...], pp. 31-33.

<sup>34</sup> PITTA, 1812, *Account of the Island of Madeira*, p. 30.

Face a estes testemunhos rapidamente se percebe os benefícios da ilha para os tísicos. Estes tipos de doentes tinham, de acordo com as conceções médicas da época, organismos debilitados, o que os tornava particularmente propensos à caquexia, isto é, ao enfraquecimento geral das funções vitais. Fazer uma estada num local cujo clima era ameno e com poucas oscilações de temperatura era garante de um fortalecimento orgânico tranquilo e progressivo. Não obstante, a estada na ilha estava indicada principalmente nos estádios primários da doença como fez notar Francisco d'Assis e Souza Vaz ao dizer:

«D'après ce qui précède, il est facile de voir que si d'un côté le séjour d'un climat, quelque bien situé qu'il soit, ne peut rien contre la phthisie déjà parvenue à une période avancée, d'un autre côté aussi on ne peut révoquer en doute l'efficacité de ce moyen non-seulement pour combattre cette maladie à son début, mais encore pour en éloigner toute prédisposition héréditaire»<sup>35</sup>.

Os rasgados elogios ao clima madeirense foram mais além. James Clark ao analisar e comparar vários climas europeus, especialmente de Inglaterra, França e Itália, com o da Madeira considerou que «This island has been held in high estimation for the mildness and equability of its climate, and we shall find on comparing this with the climates of the most favored situations on the continent of Europe»<sup>36</sup>. Francisco d'Assis e Souza Vaz foi mais longe ao dizer que «Madère est l'endroit du globe où sont réunies le plus de conditions favorables pour tous ceux qui se trouvent dans les circonstances à pouvoir retirer de grands avantages d'un climat doux et tempéré»<sup>37</sup>.

Alegava-se uma superioridade do clima da Madeira quando comparado com outros climas de estâncias europeias como o sul de França ou Itália, mas igualmente uma superioridade perante outros climas: não era quente como certos climas tropicais onde existiam determinadas doenças dessas paragens, mas também não era frio e rigoroso como os climas setentrionais<sup>38</sup>.

Para além do clima madeirense ser apontado como um bom clima para o tratamento dos forasteiros, estava alegadamente na base da boa saúde dos autóctones. Vaz dizia que «Un climat aussi bien favorisé de la nature doit nécessairement faire jouir ses habitants d'une excellente santé»<sup>39</sup>, o que foi corroborado por Clark quando referiu que

---

<sup>35</sup> VAZ, 1832, *De l'influence salubre du climat de Madère* [...], p. 36.

<sup>36</sup> CLARK, 1830, *The Influence of Climate in the Prevention* [...], p. 185.

<sup>37</sup> VAZ, 1832, *De l'influence salubre du climat de Madère* [...], p. 32.

<sup>38</sup> Cf. VAZ, 1832, *De l'influence salubre du climat de Madère* [...], pp. 31-32; e CLARK, 1830, *The Influence of Climate in the Prevention* [...], p. 197.

<sup>39</sup> VAZ, 1832, *De l'influence salubre du climat de Madère* [...], p. 34.

«The mild character of the climate appears to be accompanied with a corresponding degree of health in the inhabitants of Madeira. The peasantry, though hard worked and badly fed are said to as fine, healthy, and robust a race, as are to be seen in any country»<sup>40</sup>.

Como já referimos, o clima da ilha era bastante reputado pela equidade da temperatura. Os dados recolhidos por alguns autores mostram que as temperaturas eram bastante uniformes e havia pouca oscilação ao longo do ano. Ao longo do verão as temperaturas oscilavam entre os 68°F e os 76°F, ou seja, entre os 20°C e os 24°C aproximadamente. Durante o inverno oscilavam entre os 57°F e os 65°F, isto é, entre os 13°C e os 18°C, nada comparável às severas temperaturas de países no norte da Europa<sup>41</sup>.

Apercebemo-nos da importância da variação da temperatura para os médicos uma vez que comparavam as temperaturas do Funchal com outras cidades ou regiões europeias como Roma, Nice, Pisa e Londres. A conclusão dos médicos era de que a temperatura média anual no Funchal era mais quente do que a dos climas referidos. Consequentemente, o inverno era de um frio temperado e o verão mais ameno do que noutras paragens. A limitada variabilidade da temperatura na sucessão dos dias era outro fator que jogava a favor da Madeira como chamou a atenção Clark:

«The steadiness of temperature from day to day also exceeds that of all the other climates. In this respect, it is not half so variable as Rome, Nice, Pisa, and is only about one third as variable as Naples. The degree of variableness from day to day at Madeira, is 1°11; at Rome it is 2°80; at Nice 2°33; and at London 4°01»<sup>42</sup>.

A pluviosidade não era vista com tanta importância como a temperatura, mas ainda assim também foi comparada a outras cidades como Roma, Florença, Londres, etc. De referir que o estudo de Clark mencionava a existência de 73 dias de chuva por ano na ilha, em especial no outono:

«Nearly the same quantity of rain falls annually at Madeira as at Rome and Florence, but at Madeira there are only 73 days on which any rain falls, while at Naples there are 97, at Rome 117, and at London 178. The rain at Madeira falls at particular season, chiefly in the autumn, leaving the atmosphere, in general, dry and clear during the remainder of year»<sup>43</sup>.

Em relação aos ventos Gourlay referiu a existência de brisas marítimas e terrestres, mas o Siroco – um vento quente e seco vindo no norte de África – era visto como o mais crítico pelo calor que arrastava e pelos efeitos nefastos no organismo humano:

---

<sup>40</sup> CLARK, 1830, *The Influence of Climate in the Prevention* [...], p. 188.

<sup>41</sup> GOURLAY, William, 1811, *Observations on the natural history* [...], p. 32.

<sup>42</sup> CLARK, 1830, *The Influence of Climate in the Prevention* [...], p. 186.

<sup>43</sup> CLARK, 1830, *The Influence of Climate in the Prevention* [...], p. 186.

«Sirocco visits the island for a few days at a time, twice or thrice every year [...] In man, it occasions diminished perspiration, succeeded by languor and general restlessness: in immediate exposure to its influence, the body is felt as if parched, and the air blows on the surface with a warmth like the blast from a furnace»<sup>44</sup>.

Um aspeto a ter em conta no discurso apologético era o resultado da exposição ao clima da Madeira. Houve médicos como Vaz<sup>45</sup> que defendiam que o estado salutar dos madeirenses se devia ao clima, asseverando que a tísica era pouco frequente nos autóctones. Estas constatações ajudaram a construir a reputação da Madeira como estância ideal para os tísicos. Em 1810 já Gourlay declarava: «Madeira, from its uniformity of temperature, and purity of atmosphere, has long been, and still continues to be, the favorite retreat of consumptive patients from the northern parts of Europe»<sup>46</sup>.

Pitta chamou à atenção para alguns aspetos acerca do sucesso no tratamento dos tísicos, os quais não se deviam somente às temperaturas equânimes. As boas temperaturas durante o inverno e primavera dispensavam o aquecimento artificial e conseqüentemente não ocorria irritação dos pulmões. Chama ainda à atenção para o facto de as estradas do Funchal serem pavimentadas e nas zonas mais afastadas da ilha não circularem carruagem, pelo que não se formavam nuvens de poeira tão prejudiciais aos pulmões debilitados dos tísicos<sup>47</sup>.

Denota-se que alguns destes médicos dos inícios do século XIX registaram essencialmente os aspetos positivos do clima madeirense e do seu efeito sobre os doentes de foro pulmonar. Independentemente de serem portugueses ou estrangeiros elogiavam o clima ameno e temperado, as pequenas oscilações de temperatura, o regime de ventos e pluviosidade também moderados.

Não obstante, em meados de oitocentos havia os que, como Mason, chamavam a atenção para o clima da ilha não ser benéfico para todos e para o perigo que representava o recurso indiscriminado a este clima:

«patients who visit Madeira are so differently affected by the precisely same conditions of the atmosphere; some experiencing relief, and others, only an aggravation, of their complaints. Accordingly, the present work will be regarded not as an attempt to prejudice that island as a resort for invalids, but as an effort to point out the danger of an indiscriminate reliance upon the sanatory effects of its climate»<sup>48</sup>.

---

<sup>44</sup> PITTA, 1812, *Account of the Island of Madeira*, p. 31.

<sup>45</sup> VAZ, 1832, *De l'influence salubre du climat de Madère [...]*, p. 35.

<sup>46</sup> GOURLAY, William, 1811, *Observations on the natural history [...]*, p. 90.

<sup>47</sup> PITTA, 1812, *Account of the Island of Madeira*, pp. 125-126.

<sup>48</sup> MASON, 1850, *A treatise on the climate and meteorology of Madeira*, pp. 133-134.

Porém, a descrença acerca dos benefícios do clima madeirense fez-se sentir por parte de alguns médicos. Era vulgar alguns médicos depreciarem os climas tuberculoterápicos com o argumento de que não existiam climas específicos para o tratamento da tuberculose, o que em parte estava certo. Para Pierre Guillaume<sup>49</sup>, o ceticismo dos médicos quanto à existência de climas benéficos levava à procura dos sítios mais agradáveis em detrimento dos mais saudáveis. Por isso, os médicos enfatizavam a amenidade térmica, os ventos pouco agrestes e a estabilidade geral dos fatores meteorológicos, mais do que os fatores que supostamente seriam medicinais e que permitiriam a cura, como podemos verificar num excerto de 1852:

«Nós, que não habitamos a ilha, e que só della temos vivas lembranças e recordações sensíveis pela amenidade do clima, e pelas maneiras sympaticas com que fomos recebidos por nossos amigos e pelas pessoas que a habitam, sentimos por extremo o silencio dos seus medicos a esse respeito.

E para que seja insuspeito o nosso juizo sobre o clima da Madeira transcrevemos aqui uma nota feita por Mr. Andral a tal respeito.

Não é porque a Madeira offerece o ar do mar á respiração d'aquelles que a habitam, mas é porque o seu clima é doce, temperado e uniforme, que a habitação nesta ilha tem sido desde longo tempo recommendada e o é ainda aos individuos ameaçados de doença de peito»<sup>50</sup>.

Apesar das críticas que começaram a ser feitas aos efeitos salutareos do clima madeirense, a ilha continuou a ser vista como uma estância climatoterapêutica de renome por toda a Europa. Viajantes, cientistas, homens de negócios e aristocratas continuaram a dirigir-se à ilha em busca de cura para a tísica pulmonar. Em 1853 destacou-se a iniciativa da imperatriz D. Amélia, viúva do rei D. Pedro IV, em subsidiar a abertura do Hospício D. Maria Amélia para tísicos pobres. Este nosocómio foi o primeiro estabelecimento dedicado ao tratamento da tísica em Portugal, representando a sua abertura o início, embora simbólico, da luta contra a tuberculose em Portugal. Mas esta só arrancaria de forma séria no final do século com instituições como a Liga Portuguesa contra a Tuberculose e a Assistência Nacional aos Tuberculosos.

## Notas Finais

As geografias médicas constituem fontes importantes para o estudo dos climas e do seu aproveitamento no tratamento de doenças do foro pulmonar. Antes da

---

<sup>49</sup> GUILLAUME, 1986, *Du désespoir au salut* [...], p. 71.

<sup>50</sup> P., 1852, «Clima da ilha da Madeira [...]», p. 665.

medicina se tornar verdadeiramente científica, as geografias médicas já constituíam trabalhos de natureza médico-científica, baseados na observação, na descrição dos territórios e na medição dos fenómenos meteorológicos. O discurso presente nas várias geografias médicas aqui analisadas deixa perceber um certo tom apologético quanto aos benefícios do clima para o tratamento da tísica. Dito de outro modo, as geografias médicas faziam uma apologia ao clima madeirense, o que as tornava obras panfletárias. Tinham por isso o intuito de publicitar determinado local em detrimento de outros menos benéficos para a saúde.

Apercebemo-nos que na primeira metade do século XIX a Madeira se tornou num destino de eleição para os doentes de foro pulmonar pelos aspetos já identificados anteriormente. O que queremos salientar é o facto de as geografias médicas que apareceram neste período servirem como veículo de conhecimento médico-científico privilegiado não só para o público letrado, mas sobretudo para a comunidade médica da altura. O facto das geografias médicas serem publicadas em inglês ou francês, mesmo quando a autoria pertence a médicos portugueses, terá contribuído para uma maior divulgação internacional da Madeira e do seu clima.

Apesar de se destacar o clima como um todo, verificamos que no discurso médico é dada uma relevância particular às temperaturas amenas e com pouca variação ao longo do ano. Outros aspetos como as chuvas, os ventos, a fauna e a flora são abordados de forma secundária e muito geral. Por conseguinte, parece-nos que o destaque é dado aos bons aspetos do clima e é feita uma desvalorização dos aspetos menos bons, numa aceção claramente publicitária deste destino de turismo terapêutico.

Sendo verdade que a Medicina ainda não beneficiava grandemente da estatística médica, não existiam muitos dados relativos ao tratamento, melhorias e eventuais curas da tísica pela sujeição dos doentes ao clima da Madeira. Sem este tipo de estatísticas era impossível aquilatar o real impacto da climatoterapia nos doentes.

Podemos concluir que apesar das geografias médicas representarem um esforço para compreender o clima da Madeira e os seus benefícios para os doentes do foro pulmonar, não apresentam evidências de que fosse verdadeiramente eficaz contra a tísica.

## Referências

- BARRETT, Frank, 2000, «August Hirsch: As critic of, and contributor to, geographical medicine and medical geography», in *Medical History*, n.º 44(S20), pp. 98-117.
- CLARK, James, 1830, *The Influence of Climate in the Prevention and Cure of Chronic Diseases, More Particularly of the Chest and Digestive Organs: Comprising an Account of the Principal Places Resorted to by Invalids in England, the South of Europe, &c.: a Comparative Estimate of Their Merits in Particular Diseases, and General Directions for Invalids While Travelling and Residing Abroad: with an Appendix, Containing a Series of Tables on Climate*, London, John Murray.
- DAGOGNET, François, 1997, *Savoir et pouvoir en médecine*, Le Plessis-Robinson, Institut Synthélabo.
- GARCIA LOPEZ, Claudia Monica, 2009, *From medical geography to germ theory in Colombia, 1860-1900*, Tese de Doutorado em Estudos de Ciência e Tecnologia, Edimburgo, The University of Edinburgh.
- GARRISON, Fielding, 1933, «Geomedicine: a science in gestation», in *Bulletin of the Institute of the History of Medicine*, n.º 1, pp. 2-9.
- GOURLAY, William, 1811, *Observations on the natural history, climate, and diseases of Madeira during a period of eighteen years*, London, J. Callow Medical Bookseller.
- GUILLAUME, Pierre, 1986, *Du désespoir au salut: les tuberculeux aux 19e et 20e siècles*, Paris, Aubier.
- HEINEKEN, C., 1827, «LVIII. Meteorological register kept at Funchal, in Madeira, in the year 1826; with some prefatory observations on the climate of that Island, &c», in *The Philosophical Magazine*, n.º 2(11), pp. 362-374.
- HUNTER, John (ed.), 1974, *The Geography of Health and Disease: Papers of the First Carolina Geographical Symposium*, Chapel Hill, University of North Carolina, Department of Geography.
- MASON, J., 1850, *A treatise on the climate and meteorology of Madeira*, London, John Churchill.
- NUMBERS, Ronald, 2000, «Medical science before scientific medicine: reflections on the history of medical geography», in *Medical History*, n.º 20 (supl.), pp. 217-220.
- P., O. R., 1852, «Clima da ilha da Madeira: rasão por que é frequentada e procurada para habitação pelos doentes de peito», in *O Esculapio*, n.º 159, p. 665.
- PITTA, Nicolau Bettencourt, 1812, *Account of the Island of Madeira*, London, Longman.
- RODRIGUES, Teresa, 2019, «O turismo na Madeira Oitocentista», in *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, n.º 1, pp. 337-379.



- ROSENGERG, Charles, 2012, «Epilogue: Airs, Waters, Places. A status report», in *Bulletin of the History of Medicine*, n.º 86(4), pp. 661-670.
- THOMPSON, Kenneth, 1971, «Climatotherapy in California», in *California Historical Quarterly*, n.º 50, pp. 111-129.
- VALENCIUS, Conevery, 2000, «Histories of medical geography», in *Medical History*, n.º 20 (supl.), pp. 3-28.
- VAZ, Francisco, 1832, *De l'influence salutaire du climat de Madère (île portugaise) dans le traitement de la phthisie pulmonaire et de la supériorité de cette influence sur celle des climats du sud de la France et l'Italie*, Paris, Imprimerie de Didot de Jeune.
- VIEIRA, Ismael, 2011, «O pioneirismo da Madeira no tratamento da tuberculose em meados do século XIX», in *Ler História*, n.º 61, pp. 85-103.
- VIEIRA, Ismael, 2016, *Conhecer, tratar e combater a «Peste Branca»: A tisiologia e a luta contra a tuberculose em Portugal (1853-1975)*, Porto, Edições Afrontamento/CITCEM.
- VIEIRA, Ismael, 2019, «A ilha da Madeira como centro de tratamento de doenças pulmonares em meados do século XIX», in *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, n.º 1, pp. 381-405.